

ANNO VI
NUMERO 130



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde : **Rua do Alecrim, 17, 1.º**

(Junto ao Caes do Sodré)

Cursos nocturnos

As aulas abriram a 1 de outubro e fecham a 31 de julho

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para alli se fazer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
Julio Cardona, Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro,
José Henrique dos Santos, Wenceslau Pinto e Rodrigues Beraud*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre :

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo.

LA PARISIENNE
 A CONSAGRÉ

LES
PIANOS
PARIS

ABORD

HORS CONCOURS
 1900
 Membre du Jury

ABORD

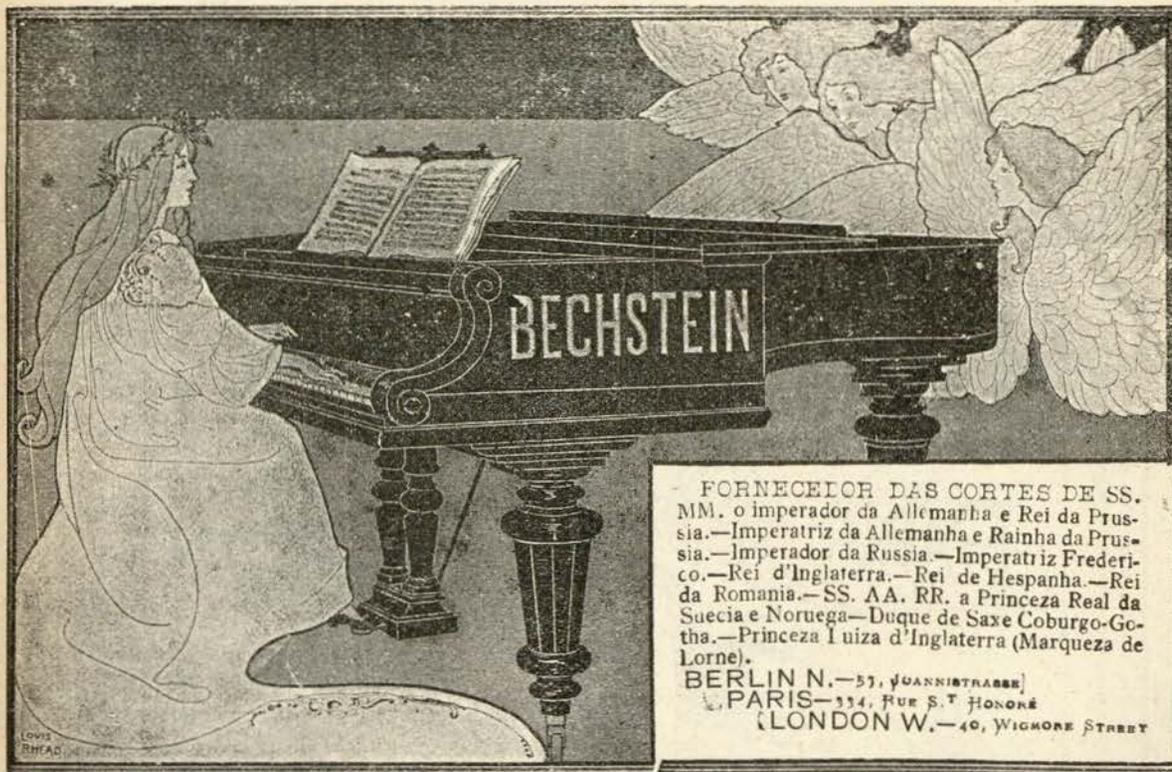
14 bis BOUL' POISSONNIERE *J. Faite*

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL.
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N.—57, JUANNISTRASSE]
 PARIS—334, RUE S.T HONORÉ
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

LAMBERTINI

Fornecedor da Casa Real

UNICO DEPOSITARIO
 DOS
 CELEBRES PIANOS
 DE

BECHSTEIN

A. ALABERN

OFFICINAS DE

Photogravura e Zincographia

Avenida D. Amelia, 13—15—17
 (Ao Intendente)

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL
De F. LOPES

108, R. DES. PAULO, 110—Lisboa

LISBOA ELEGANTE

Casa especial de gravatas, collarinhos e punhos.

M. C. ALVES

NOVIDADES
 DE
 LONDRES E PARIS

15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 E 49

Proprietario e Director

LISEOA

Redactor principal e editor

Michel'angelo Lambertini

Rua da Assumpção, 18 a 24

Ernesto Vieira

SUMMARIO: — Archeologia musical. — Os violeiros antigos. — A expressão musical. — Maria Galvany. — Concertos. — M. Beuno Niederberger. — Carta de Washington. — Noticiario. — Chronica litteraria.

Archeologia Musical

(Continuado do n.º 129)

III

Vamos ao primeiro dos *tres* cantores, ainda não conhecidos, de que nos dá noticias em primeira mão o Summario de Affonso Mexia.

Achal-o-hemos no seguinte *Item*, a pag. 28:

«It (nas leziras de vila Framqua) A Fernam Guomez cantor emquanto for merce del Rey de trigo tres moios, 3 moios (*A' margem*) (finado).»

Esta verba está no original trancada, como o estão todas as dos agraciados que foram fallecendo, á medida que o diligente *guarda-livros* d'el rei D. João III ia adiantando o seu Summario. Não ha pois contar mais com este servidor de Euterpe.

Mas, foi bom o aviso; boa a providencia, porque livrou os vindouros de confusões parecidas com as que se tem engendrado á roda dos diversos Gil Vicente, e nos desenganou por uma vez, a respeito de um outro Fernão Gomes, que, ahí por 1565-1566 (menoridade de D. Sebastião), foi Mestre da Capella de S. Nicolau.

O Fernão Gomes, de 1523, e o de 1565 podiam ser *um*. Não são. Affonso Mexia teve o cuidado de prevenir-nos de que *o seu* morrer. — Um desengano que nos evita mil séccas, de que se ririam, decerto, se ainda existissem, os obituarios parochiaes do tempo do monarcha *Piedoso*.

Fica-se entendendo, pois, que se houve *dois* Gaspar Dias, contemporaneos, pintores ambos, ambos residentes e proprietarios em Lisboa, devendo um só, todavia, ter sido o auctor famoso do quadro da *Descida do Espirito Santo*, que se admirava na tribuna da Misericordia: aquella Manuelina joia de esculptura, de que nos resta o rendilhado

portal, rematado por uma das diversas *cabelleiras pombalinas*, que por ahí campeiam ainda; não deve ser cousa de extranhar que tenha havido tambem *dois* «Fernam Guomez», que nenhum obice se apresenta, que lhes negue a contemporaneidade, antes de rigor se mostra que dos mesmos dias foram ambos; que ambos foram proficientes na Divina Arte, e que um sobreviveu longos annos ao outro.

Em summa, o problema dos *dois* Gil Vicente não o temos nós ainda para resolver?...

Mas... não divaguemos.

Uma vez que Fernão Gomes (1.º) é fallecido, mal apparece, diga-se alguma coisa do que vislumbrámos do Fernão Gomes (2.º); do conspicuo, e por certo mui diligente Mestre da Capella da parochial igreja de S. Nicolau.

Devemos-lhe tal attenção, não ha duvidal-o, porque a um Mestre de Capella de uma das mais nobres e opulentas parochias lisbonenses do xvi seculo, chamasse-se elle como se chamasse, deve-se — havemos de proval-o — deve-se menção reverente. Este Fernão Gomes não devia, não podia ser qualquer nullidade no seu tempo.

Quer isto dizer que não militem razões analogas em favor dos artistas a quem Affonso Mexia se refere? — De modo algum. Para que serviria il-os desentranhar, se o não merecessem, da sequidão do rol do régio funcionario? — Os artistas que estão sendo objecto d'estas desataviadas linhas tem, com effeito, seus direitos a serem apontados, ainda que não seja senão para que se vá, por que assim o digamos, corporisando essa Instituição que se chamou a Capella Real, e que tanto merece ser estudada.

A verdade é, porém, que, taes quaes a seccura do rol que lhes denunciou a existencia, Barryo Novo e seus collegas são para nós menos que mumias.

Cada qual d'elles apresenta-se-nos apenas

como se o seu contorno corporeo estivesse riscado n'um papel, sem aponte de musculatura, sem ondulações anatomicas, sem o claro-escuro que ellas originam, sem relevo; chato e duro, emfim, como a brancura da folha onde tivesse sido riscada apenas uma fórma humana; mais nada.

Que são, com effeito, mais que sombras, Duarte Fernandes, João de Lorca, o enigmático Barryo Novo, ou o proprio Fernão Gomes e os mais, que mal se nos deparam, para logo se deixam tragar da Morte, sem nos legarem a mais insignificante informação biographica? Não parece, realmente, que taes nomes não vieram aos bicos da penna de Affonso Mexia, senão de proposito para que os mortaes que assim se chamaram podéssem bradar à posteridade, através a caligem dos seculos, sumindo-se para logo na campa: — Sabei que eu tambem existi, ó gerações por vir!?

— Mas que merecimentos tivestes vós para comêrdes o trigo que S. A. vos mandava abonar? — Ereis tenores melodiosos? Ereis baixos profundissimos? Ereis bem timbrados barytonos? — E a figura? E as feições? Fostes altos? Fostes bem proporcionados? Tivestes fraca estatura? Olhos, nariz e boca, dizei, que eram? Como os tinheis? — Silencio tudo; silencio profundo!

Seriam já velhos estes cantores em 1523, e tremer-lhes-iam a vóz e as mãos, segurando a solfa, como ao bondoso e *tabaquento* Carrion, da Sé Patriarchal, em 1854? — Ou estavam ainda no verdor dos annos, e disporiam de vozes eguaes á maravilhosa vóz de soprano, avelludada e terna, que ha bons cincoenta annos echoava pelo recinto d'essas egrejas de Lisboa, modulada pela garganta mais peregrina que ainda ahí encantou o publico das grandes solemnidades religiosas d'esse tempo?!

Eram encantadores sopranistas, esses cantores, como o foi Francisco Araujo, como, antes d'elle, o fôra o velho e alquebrado Benavente, ainda que menos mavioso e terno, ou eram *cana-rachadas* de insupportavel audição, como, pelos mesmos tempos do velho Carrion, o era o dorminhoco Mendes Leal, e o teem sido outros mais?

Que figura fariam, em summa, todos aquelles cantores quinhentistas, envoltos nas amplas samarras, apinhados ao longo da baalustrada do côro da Capella Real, psalmodando as antiphonas e os kiries do ritual, sob a immediata inspecção, *entendida*, e de certo exigente, do fanatico e rechonchudo D. João III, que os ouvia em beato silencio, e os julgava a todos, ali perto, detrás da cortina, entre o seu sumilher e o seu confessor?

Ninguem nos poderá responder, já agora, a uma só d'estas perguntas.

Barryo Novo, João de Lorca, Fernão Gomes, Pedro Torsilho, Francisco de Sagum (Sabagun?), Pero de Funes, Duarte Fernandes e João Lourenço sombras eram, sombras ficaram. Se bons, se maus cantores, el-rei D. João III, que os julgou a todos, parece que a quasi todos considerou em egualdade de circumstancias; a quasi todos agradeceu com os taes 3 moios de trigo, da tabella. Portanto, sem esquecer os que faltam, viremo-nos, sem mais divagações, para o bom do Fernão Gomes (2.º) e para a opulenta parochia que serve de moldura ao seu fugitivo esboço.

GOMES DE BRITO.

OS VIOLEIROS ANTIGOS

(Continuação de uma serie de artigos publicados nos n.ºs 107, 110, 111, 112, 113, 117, 120, 125 e 127)

Escola allemã

E' uma das mais fecundas. O numero dos violeiros allemães attinge proporções extraordinarias, mas o typo geral dos seus productos deixa bastante a desejar. O verniz vermelho escuro ou amarello é de mau tom: o aspecto dos instrumentos é pouco agradável: apesar de terem os *ff* geralmente bem talhados e a voluta de boa fórma, ha qualquer cousa de mal acabado nos specimens correntes da fabricação allemã.

Isso não quer dizer todavia que não tenha havido auctores classicos, que são ainda hoje muito apreciados, e que de fórma alguma se podem esquecer. Os Stainer, os Albani, os Klotz pertencem de certo a esse numero e d'elles nos vamos occupar em breve.

Uma das curiosas circumstancias que acompanharam a formação e existencia da escola allemã é que as primeiras tentativas dos italianos n'este campo d'industria artistica tão tiveram o menor echo na Allemanha.

Emquanto Gasparo da Saló e o primeiro dos Maggini davam em Brescia a fórma definitiva ao violino, os violeiros allemães teimavam na exclusiva fabricação das violas e dos alaúdes, a que de resto imprimiam uma inexcedivel perfeição.

Em meados do secu'lo xvii a arte do violino tinha attingido na Allemanha o seu apogeu e o admiravel trabalho dos alaúdes, das violas de gamba e das violas d'amôr

d'essa epoca, ricamente incrustadas de madreperola, de marfim e de tartaruga, são o melhor testemunho do alto grau de perfeição a que tinha chegado ali este ramo de arte.

E no emtanto não só foi excessivamente tardio o advento do *piccolo violino* entre os allemães, como também se pode afirmar que, á parte Stainer e Mathias Albani, não houve um violeiro allemão que dêsse á sua obra um cunho de verdadeira originalidade e que pudesse impôr-se, como qualquer dos violeiros cremonenses, á admiração da posteridade.

O modelo primitivo dos violinos allemães era bastante grosseiro e peccava pelo excessivo arqueamento dos tampos e por outros promenores que lhe davam um antipathico aspecto, sem que as qualidades sonoras n'isso houvessem de ganhar. Alguns violeiros allemães, inspirados talvez no exemplo de Stainer e de Albani, voltaram as suas vistas para a Italia; em vez porém de manter uma personalidade inconfundível como a d'aquelles dois mestres, deram-se a copiar servilmente os modelos italianos, especialmente os de Nicolau Amati.

Fizeram-o com indiscutível habilidade, mas não conseguiram vencer nem mesmo attenuar a immensa voga e popularidade de que gozaram os instrumentos de Stainer e que, em boa verdade, era absolutamente justificada.

E' portanto por esse que iniciaremos a lista, não longa, dos principaes *geigenmacher* da escola allemã.

Stainer

Jacob Stainer (1621-1683) passou durante muito tempo por discipulo de Nicolau Amati, o que de fórma alguma está confirmado nem pelas investigações dos seus biographos, nem pelo character perfeitamente definido da sua obra.

Stainer é tudo o que ha de mais allemão e apesar de ter visitado Cremona e Veneza, como dizem, e ter portanto reconhecido *de visu* o alto grau de perfeição que attingira a sua industria n'aquellas cidades, conservou-se absolutamente allemão em todas as particularidades do seu estylo.

A sua obra de violeiro é no emtanto tão notavel como a dos melhores fabricantes italianos, exceptuando Antonio Stradivarius. N'elles apparecem, é certo, varias anomalias e indecisões que, a nosso vêr, só mostram da parte do celebre violeiro a preocupação constante de melhorar e talvez a lucta entre o desejo de manter uma inconfundível individualidade e a suggestão dos maravilhosos

trabalhos italianos do seu tempo; é apesar de tudo positivo que o acabamento dos instrumentos sahidos da sua officina de Absam é precioso a todos os respeitos.

Os *ff*, a voluta, os filetes são tratados por mão de mestre: tanto o tampo harmonico como o fundo são extremamente abahulados: o verniz, vermelho alaranjado, é da mais fina qualidade.

A obra prima de Jacob Stainer é a colleção dos famosos violinos *eleitores*, nome que lhes proveiu de terem sido offerecidos, ao que se diz, aos doze eleitores da Alemanha.

Georges Hart no seu bello livro sobre o Violino falla d'esses instrumentos nos seguintes termos: — «A madeira de delicada escolha, o admiravel acabamento do trabalho, tudo faz d'estas obras d'arte um objecto encantador, cuja lembrança nunca mais se apaga».

Jacob Stainer é um dos auctores que tem sido mais frequentemente imitados e contrafeitos; os verdadeiros instrumentos da sua marca pagam-se por preços exorbitantes, como os das melhores fabricas italianas.

Em uma nota que um obsequioso correspondente nos forneceu de instrumentos valiosos existentes no Porto figura um Stainer de 1650, em poder do sr. Brunner.

Com o apellido de Stainer ainda existiram dois outros violeiros allemães: — Markus (1650-1660), irmão de Jacob, que fez alguns violinos de tão bom acabamento como poderosa sonoridade e Andreas (1660) que talvez não tivesse parentesco com os precedentes e se limitou quasi exclusivamente ao fabrico de quintões e barytonos de viola.

Albani

O primeiro do nome era Mathias Albani (1621-1673) que foi discipulo e copista de Stainer.

Exagerou a curvatura dos tempos e deu aos seus instrumentos um aspecto pesado e pouco elegante; o verniz é de bella apparencia mas tem o defeito de se descamar facilmente, havendo violinos de Mathias Albani cujo verniz já desapareceu de todo.

Valôr aproximado 60000 réis.

O filho do precedente foi artista de muito maior importancia.

Tambem se chamava Mathias, ignorando-se as datas precisas do seu nascimento e

fallecimento e mesmo o periodo exacto da sua producção (1).

O caracter italiano das suas obras differe em tudo e por tudo do trabalho paterno, o que não é para extranhar visto ter trabalhado longos annos em Roma e Cremona nas officinas dos melhores fabricantes italianos.

Alguns especialistas fazem-o mesmo figurar na lista dos violeiros italianos, apesar de ter datado um grande numero dos seus instrumentos de Botzen (Allemanha) sua terra natal.

As madeiras empregadas são magnificas e o talhe dos instrumentos é d'um bellissimo estylo. Attribute-se-lhes um valor que oscilla entre 100\$000 e 200\$000 réis.

Constou-nos ha tempos que existia em Cabeceiras de Basto um violino d'este auctor com a data de 1712, mas nada podemos dizer sobre a sua authenticidade (2). O violino estava em venda, á data que d'elle tivemos noticia.

Houve tambem um José Albani, filho do precedente (Botzen, 1719) que pouca importancia teve como violeiro.

Um outro Albani, de Palermo (1633) e ainda um outro, de Gratz (1650) são simplesmente citados nas obras da especialidade, como artistas secundarios e cuja biographia não poderia portanto interessar n'esta resenha.

Klotz

A familia Klotz ou Kloz, de Mittenwald é uma numerosa familia de violeiros que floresceu no ultimo quartel do seculo xvii e durante todo o seculo xviii.

O primeiro Klotz de que resam as chronicas é *Mathias*, que trabalhou de 1670 a 1700 aproximadamente e passa por ter sido discipulo e imitador de Stainer.

Não igualou porem o mestre, nem na escolha das madeiras nem na composição dos vernizes.

Mathias Klotz applicou duas especies de etiquetas nos seus instrumentos, umas manuscritas, outras impressas.

Como valôr commercial, uma rebecca d'esta marca raramente attinge e nunca excede a 50\$000 réis.

Jorge Klotz (1700-1740), filho do anterior, fez bons instrumentos que se distin-

guem pela côr amarellada do verniz. A talentosa violinista portuense D. Ophelia Nogueira d'Oliveira possui uma rebecca d'este auctor, mas a data de 1760 que se vê na respectiva etiqueta faz-nos duvidar um tanto da sua authenticidade.

Sebastião Klotz (1730-1760 aprox.), outro filho de *Mathias*, é considerado o mais habil violeiro da familia e o estylo do seu trabalho supera, pela delicadeza e pelo acabamento, o de todos os outros seus parentes.

Os tampos são relativamente menos elevados e os vernizes variam muito, predominando comtudo as côres escuras.

Os distinctos amadores Antonio Lamas e Cecil Mackee possuem rebecas de *Sebastião Klotz*, tendo a do primeiro a data de 1760; a de Cecil Mackee não tem data indicada na etiqueta, mas a sua authenticidade foi peremptoriamente affirmada pelo sr Hill, de Londres.

Um outro *Mathias Klotz* (1732-1770) que se suppõe neto do primeiro Klotz, tambem fabricou instrumentos de corda, sendo d'elle uma viola d'amôr de 1732 que se encontra no museu do Conservatorio de Paris.

João Carlos (1741-1780 aprox.) se não é parente dos anteriores tem os mesmos processos de trabalho e emprega a mesma côr escura do verniz. Uma rebecca d'este auctor pôde cotar-se em 30\$000 aproximadamente.

Egidius Klotz (1765-1789 aprox.) é tambem um dos bons artistas d'esta familia. Julga-se que era irmão de *Sebastião*.

No Porto ha alguns violinos d'esta marca; o distincto professor Carlos Dubini possui um com a data de 1765 e os srs. Gabriel Guimarães e Elisio Anneda, violinistas amadores d'aquella cidade, teem tambem instrumentos assignados por *Egidius*.

Sobre *José Klotz*, um outro violeiro d'esta familia, são bem pouco positivas as nossas informações. Uns auctores dão-n'o como irmão de *Egidius*, outros como filho. *Laurent Grillet*, sem determinar o parentesco que este violeiro podia ter tido com os Klotz já citados, transcreve uma etiqueta com a data de 1793, mas o violino do nosso distincto professor *Julio Cardona*, que é tambem d'esta marca, tem a data de 1738. Desnortea-nos esta ultima cifra. A ser verdadeira, nem *José Klotz* podia ser filho de *Egidius*, nem a etiqueta de *Laurent Grillet* tem a menor verosimilhança.

Hornstainer

Somos levados a citar esta familia de violeiros de Mittenwald mais pelo facto de existirem numerosos violinos de *Hornstainer* no

¹ Nos tres auctores que consultamos encontram-se as seguintes datas:—1650-1680, 1660-1690, 1670-1710, pelo que preferimos pôr de banda essa investigação.

² Constatemos, *en passant*, que se é verdadeira a etiqueta, temos uma nova versão em completo desaccôrdo de datas com os 3 auctores consultados.

nosso paiz, do que propriamente pela notoriedade da marca, cujo valor é muito discutivel.

Citam-se cinco artistas d'este nome, José, André, Martinho, Antonio e Mathias e salvo o primeiro que parece ter trabalhado no segundo quartel do seculo XVIII, todos os outros pertencem ao fim d'esse seculo e principio do immediato. Convem todavia pôr de remissa essa affirmativa, que pelo menos no tocante a José Hornstainer é cabalmente desmentida pelas etiquetas dos instrumentos que vamos citar.

De facto os srs. Henrique Pereira de Oliveira, Dr. Emilio de Oliveira e Elisio Anedda, todos residentes no Porto, possuem violinos de José Hornstainer, tendo os dos dois primeiros as datas respectivas de 1791 e 1793. Ora a data mais recente que vemos citada para os violinos d'este auctor é a de 1735, o que nos faz suppôr que ou existem dois fabricantes d'este nome, particularidade até hoje ignorada, ou aquellas datas são de pura phantasia, o que parece menos provavel visto não se tratar de marca que valesse a pena contrafazer.

Mathias Hornstainer ou Horenstainer deixou melhor nome. As rebecas de Antonio Francisco Nogueira, Henrique Carneiro, Henrique Guimarães e Henrique Pereira d'Oliveira, violinistas portuenses são de Mathias Hornstainer tendo as tres primeiras a data de 1791 e a ultima a de 1793.

O professor Alexandre Ferreira tambem tem uma rebeca d'este auctor e o Dr. Korth uma violeta, mas ignoramos-lhes a data.

(Continúa)

L.

A expressão musical

(Sob o ponto de vista da Sciencia e da Poesia)

VI

A Genese da expressão musical. A alma humana, as nacionalidades, os individuos.

(Continuado do n.º 128)

Dos pianistas, quem não tem por ventura folheado com delicia esse esplendido caderno intitulado «os myrthos» em que a cada passo se nos deparam sob os dedos deliciosas combinações de notas e mil imprevisos arabescos?

E decerto não forma elle excepção na obra de Schumann: o genio allemão dis-

posto por instincto de raça a elevar-se aos mais altos pincaros da Idéa, concentra de ordinario num só plano as suas forças e energias.

D'ahi as vastas agglomerações sonóras das symphonias de Beethoven, as infinitas delicadezas dos Poemas lyricos, das melodias e das peças livres de Schumann, as prodigiosas excentricidades de Franz Liszt, e a alliança, já agora cousummada, da Symphonia e do Drama.

Acabamos de nomear a Franz Liszt: ninguém como elle contribuiu a propagar os cantos do seu paiz. A sua vida foi apenas um longo apostolado cortado aqui e ali de extranhas aventuras. Elle evangelisava a seu módo sem nunca perder de vista a imagem da terra natal para onde, e bem a miúdo, as suas preferencias o levavam, e cujos effluvios musicaes de continuo semeava no seu caminho, como se nelles effectivamente vivessem e vibrassem as proprias almas dos seus conterraneos.

Hoje que mais e mais a Hungria vê sumir-se, perante a absorpção germanica, a sua autonomia politica, as *Rhapsodias* de Liszt, a sua *Phantasia hungara*, o seu poema Symphonico *Hungaria*, tomam todas as proporções de um protesto.

A Russia, a Belgica, a Hespanha, a Scandinavia, a Inglaterra, a Grecia respectivamente affirmam por innumerados cantos nacionaes, a sua individualidade musical. O *Boléro* veio-nos de Hespanha, a Russia por diversas vezes nos tem feito entrevêr as suas dansas provinciaes, as suas lindas canções. Os themas escocezes e irlandezes de ha muito passáram os mares e ouvem se hoje pelo mundo inteiro. A Suecia enviou-nos a tão deliciosa *Meckeus Polska* que Ambroise Thomas soube aclimatar entre nós intercalando-a no quarto acto do Hamlet, não sem primeiro a desfigurar avisinhando-lhe inaptas bordaduras.

Ha alguns annos uns moços estudantes das Universidades de Upsala e de Christiania vindos a Paris pela exposição de 1878 familiarisáram-nos um tanto com os Hymnos do norte. Os de Lindblad, de Wennerberg, de Södermann e outros cujos auctores nos são desconhecidos, apesar da pouca originalidade da musica não se podem todavia considerar como obras banaes. O tom é no fundo severo e melancholico, se bem que a nota alegre por vezes transpareça.

Ha nelles um não sei quê de extranhamente fascinante: são másculos e viris como um contar de Ossian.

A lenda dinamarqueza da «Fille du roi des Aulnes» forneceu a Niels Gade um esplendido assumpto. O viajante ao visitar a

solitaria charneca onde a Willis encontrou o bello caçador nada sente que a musica por sua vez lhe não transmita, pois encarna em si propria, por assim dizer, tudo o que de immaterial existe nos sitios agrestes, nos rochedos battidos pela brisa gelada, nas pay-sagens luarentas, nas correntes e nos precipicios do paiz onde as ficções que expõe passam por se ter dado.

A França, paiz litterario por excellencia, não ficou tão pouco desherdada. Ebrios de claridade e de luz antes de tudo, nunca os musicos francezes se poderam resignar a contentar apenas a uma éli'e intellectual. A terra que deu á luz os Revolucionarios de 1793 e essa amplificação de rhetorica pomposamente empenachada a que chamamos *Marselheza*, quasi não tem produzido um verdadeiro artista em cuja alma não exista o zelo caloroso do apostolo e em cujas veias não corra o sangue do tribuno e do heroe. O francez não gosta do isolamento: não lhe agrada nem lhe convém a solidão. Se é Poeta, dirige-se ás multidões e ensina-lhes a Justiça e o Dever: se é Pintor sabe resolver com ousadia os mais temiveis problemas: Se é musico ambicióna encadeál-os nos sons da sua lyra, empregando para isso ou persuasão ou violencia. Desde Cambert que em certos trechos de — *Pomone* — e de — *Les peines et les plaisirs de l'amour* — dois ou tres dialogos de summa delicadeza e varias phrases que muitos dos modernos mestres teriam orgulho em haver firmado, até Berlioz que nos *Troyens*, fez reviver o drama lyrico para vergonha dos contemporaneos e successores que nem o suspeitam, sequer, pensaram sempre os compositores — francezes de nascença ou por inclinação — que perderam com a palavra a parte mais forte do seu poder. Lulli, Rameau e Jean Jacques Rousseau, que é nosso dever citar menos pelo seu — *Devin de village* — que por varias reivindicações não raro judiciosas, Gluck e finalmente Spontini, de continuo procuraram obter poemas *bons*. Quando os não obtinham ressentia-se-lhes disso a inspiração. Berlioz, symphonista muito mais que dramaturgo, não poude resignar se a eliminar das suas obras instrumentaes o decantado texto. E se não vêde: a *Symphonia fantastica*, é um verdadeiro romance; o *Harold em Italia*, uma paizagem servindo de fundo a um idyllio; *Romeu e Julietta*, um drama; a *marcha funebre* para a ultima scena do *Hamlet*, um baixo relevo funerario; o *Requiem*, uma visão antecipada do juizo final; a *Symphonia funebre e triumphal*, um Hymno revolucionario; a *Infancia de Christo*, uma miniatura da Edade média; a *Caça fantastica* do segundo acto dos

«*Troyanos*», uma scena muda e por isso talvez duplamente tocante, na qual se adivinha o que era de todo impossivel apresentar ou descrever: o mysterio de amor que se effectua ali no interior de uma gruta natural sobre um banco de musgo abrigado por estacionarias nuvens, entre o fuzilar dos relampagos pelas florestas e a queda medonha das correntes que loucamente se despeñham...

Dido vê-se desde então condemnada á morte ou a uma vida de eterno desprezo, pois que teve Enéas effectivamente por amante!...

E dito isto conclua-se: a grande originalidade da França consiste na fusão da musica e da Litteratura. Della nascem certos fragmentos que em França apenas poderiam brotar, por exemplo: as estróphes do *Romeu e Julietta*, a *marcha funebre*: «*Jetez les Fleurs*» da mesma obra, o *lamento* dos «*Troyanos*» e mil outros trechos das obras lyricas de Berlioz, sem falarmos nas suas obras symphonicas que seria então mistér citar em peso.

Desçam porem de mais um grau ainda e possuiremos completamente a genese (genesis, geração) da Expressão Musical.

Temos no primeiro grau a *alma humana*, *principio e fim de toda a sensação*.

No segundo grau *as nacionalidades*, ori-gens das diversas modificações que a affectam sob a influencia das mudanças climaticas, geographicas ou atmosphericas: finalmente em terceiro grau deparam-se-nos os *Individuos*.

E por aqui nos temos que deter. As investigações as mais summarias levar-nos-hiam sobre este ponto demasiado longe. Se nos fôsse necessario provar porque razão Beethoven differe essencialmente de Bach ou de Schumann, por exemplo, se nos fosse forçoso determinar os motivos que fizeram de Wagner ou de Berlioz os incansaveis adversarios das adocicadas cançõesinhas de Boieldieu ou de Donizetti, se detalhadamente tivéssemos que falar das muitas personalidades marcantes da arte musical um volume decerto não nos seria bastante.

Teriamos forçosamente que escrever uma biographia universal. A nossa ambição porém não vae tão alto. Feliz por nos ser dado esclarecer certos pontos mais ou menos nexplorados da esthetica contemplando com sincera admiração a soberania esplendida que determina neste mundo o desabrochar *progressivo* das nossas faculdades. E a *Expressão Musical* é, por assim dizer, a emanação da alma universal. Cahe por terra, sem ella, toda a harmonia, e a musica *privada do poder vital que a collóca acima da linguagem*, torna-se o mais insipido e o

mais réles de todos os ruidos: vinda da Alma tem de volver á Alma forçosamente. Por isso um poeta francez, e o maior de todos, no dizer de Heine, soube escrever com verdade, este verso de maravilhosa e simples concisão.

«Où manquent les concerts il n'y a point d'hommes
(libres * 1.º)»

(Continúa).



MARIA GALVANY

«Il bello è norma della
vita, è la vita stessa.»

Esta distincta cantora, que nós temos tido a felicidade de ouvir ha tres epochas, é um dos sopranos ligeiros que goza actualmente



Maria Galvany

de maior nomeada. Ainda bastante nova tem já percorrido os principaes theatros da Italia, Real de Madrid, etc. E' necessario ouvi-la para se poder avaliar quanto o seu talento se impõe em todas as operas que canta!

Como verdadeira artista reune dois elementos primordiaes para uma grande cantora: um bom methodo de canto, e uma

clara orientação artistica nas diferentes personagens do seu escolhido repertorio. A sua voz característica de soprano ligeiro, traduz todas as vibrações dos seus sentimentos que aureolados como por uma luz divina, lhe illuminam constantemente a estrada florida da Divina Arte, que é para Maria Galvany, todo o seu Ideal, toda a sua Vida!!

Se a ouvirmos na *Lucia*, e na *Traviata*, papeis tão oppostos, vemos dois trabalhos burilados com um fino criterio artistico! Na *Lucia* a sua voz eleva-nos, na *Traviata* o debate da paixão impõe-se, subjuga-nos! Porque Galvany não esquece o mais pequeno detalhe, sabe encarnar-se na personagem dando-lhe vida, sem o mais pequeno exagero! Sente dentro de si essa força incomparavel, que a faz elevar constantemente n'um pedestal de glorias, e que se chama *Talento!*

Ao publicarmos hoje o seu retrato, estas poucas linhas traduzem apenas, os traços geraes d'esta distincta cantora que tem ainda diante de si um brilhante futuro!

Maio 1904.

ALFREDO PINTO (Sacavem).



Em 18 d'este mez no *Gremio Commercial* do Porto deu o talentoso pianista Pedro Blanco um interessante concerto, cuja primeira parte era inteiramente consagrada a Grieg.

Do famoso compositor scandinavo tocou o sr. Blanco duas sonatas, op. 7 e 45, das quaes a segunda com violino e ainda a *Polonaise* de Paderewski e a *Tarantela* de Gottschalk, sendo muito victoriado.

O violinista Julio Caggiani, o violoncelista C. Quilez, o amador de canto J. Brito, o pianista-acompanhador Xisto Lopes, bem como o sexteto Quilez, abrilhantaram o programma com variadas peças musicas que tambem obtiveram o mais lisongeiro exito.



Em homenagem aos congressistas estrangeiros que ha pouco nos visitaram, offereceu-lhes o governo uma festa de gala no theatro de D. Maria em 23 do corrente.

Alem da representação da espiituosa co-

* 1.º)..... E ainda ha quem se admire de Portugal ser a terra dos «Dictadores»!

media de Marcellino Mesquita, *Peraltas e Secias*, executou-se todo um programma de obras musicas, excellentemente interpretadas por D. Guilhermina Suggia (violoncello), D. Virginia Suggia (piano), Francisco Benetó (violino), Carmo Dias (guitarra), tomando ainda parte a optima tuna da Escola Polytechnica sob a direcção intelligente e cuidadosa de Alfredo Mantua.

E como se houvesse receio de que tanta e tão boa musica parecesse aos nossos distinctos hospedes mesquinha offerenda, ainda tivemos, *aux intervalles*, o sexteto do theatro na propria sala de espectaculo e a banda dos marinheiros no atrio.

Seria ocioso encarecer a forma brilhante como se houveram os illustres artistas que abrihantaram esta solemnidade: são elles demasiado conhecidos do publico para que os nossos elogios se tornem perfeitamente escusados. E se o calôr dos applausos com que foram recebidos não poude attingir a intensidade habitual, é isso devido á quasi absoluta ausencia do publico verdadeiramente amator, que teve de ceder o seu lugar n'esta conjunctura especial aos elementos officiaes que ali se não podiam dispensar.

E estes elementos officiaes, a não contar uma que outra excepção, são a propria antithese da Arte, bem o sabemos.

Consta-nos, porem e oxalá nos tenham mal informado, que alguns dos artistas que tomaram parte n'esta festa foram convidados como simples amadores, o que significa em portuguez castiço — não receberam remuneração alguma pelo seu trabalho. Em boa verdade não nos espanta o facto, n'uma terra onde ninguem pensa em defender os interesses do artista e onde os assumptos d'esta natureza se encaram nas estações dirigentes com a mais condemnavel ligeireza e indifferença.

E' no emtanto forçoso que se comece a reflectir na injustiça d'este caso.

Depois de longos annos de labores, em que o musico se viu a braços com mil contrariedades e transtornos, desajudado de tudo e de todos, a lutar desesperadamente com o desanimo e por vezes com os mais lastimaveis embaraços materiaes, chega finalmente a uma relativa notoriedade.

Toca n'um theatro de 2.^a ordem, já tem 3 ou 4 lições e falla-se d'elle o bastante para não morrer de fome e para começar a crêr que a sua Arte serve para mais alguma cousa do que para desfatio dos serões familiares.

Pobre visionario!

A breve trecho terá logar uma festa de caridade e lá vae elle, vivamente sollici ado

pela commissão, para mostrar os seus talentos e a sua... philantropia.

A esse succedem se mil outros convites, mais ou menos... caritativos, em que o pobre musico ainda positivamente aos tombos, sem ganhar um real. Umaz vezes é a grande dama que sollicita o illustre artista para ornamento e brilho do seu salão, outras é a festa de amadores a que é preciso prestar auxilio, outras ainda é o beneficio do collega a quem se não pode recusar — e são tantos *casos especiaes* em que tudo se obtem por dinheiro, casa, luz, creados, bombeiros, policias, etc., etc. e em que só a remuneração do artista é systematica e infallivelmente esquecida.

Elle não recusa nunca: anda n'uma roda viva. E julga innocentemente a cada sacrificio feito que, se não auferir beneficios materiaes da exhibição platonica a que o forçam, outras benesses o esperam de indirecta mas segura vantagem: julga que poderá contar em um dado momento de afflicção com o auxilio d'aquelle que obsequiou: julga pelo meos que cria em volta de si uma atmospheria de sympathia, que a turba dos invejosos e dos malquerentes não conseguirá destruir: e acaba mais cedo ou mais tarde por convencer-se de que, sem vantagem de maior, foi apenas victima de uma violencia constante, quasi diremos de uma *chantage* que a lei não pune e que os seus representantes são ás vezes os primeiros a patrocinar.

Não merece um pouco de attenção este caso?



A extrema lentidão com que os nossos serviços typographicos são geralmente feitos obriga-nos, bem a nosso pezar, a dar este original á imprensa em 25 do corrente.

Assim temos de limitar-nos a simplesmente annunciar a *matinée* de alumnas de D. Palmyra Mendes, effectuada a 26, o concerto popular que em 28 realisa o professor Rey Colaço, dos mais interessantes por ser exclusivamente composto de trabalhos nacionaes e o da *Real Academia de Amadores de Musica*, em que tomam parte como solistas a talentosa violinista D. Esther de Campos e a distincta amadora de canto D. Regina Negrão.

O concerto da *Sociedade de Musica de Camara* que annunciavamos no numero anterior só se pode effectuar em principios de junho e a 5 tem logar o da *Academia dos Estudos Livres* com a conferencia sobre Beethoven, pelo illustre poeta e amador d'arte, o Sr. Dr. Manoel d'Arriaga.

A 8, na sala Lambertini, deve realizar-se

a apresentação do violoncellista Niederberger, a que n'outro lugar nos reportamos.

*

Por lapso não alludimos no momento opportuno ao ensaio de discipulos que os distinctos professores portuenses D. Armanda e Carlos Dubini effectuaram em 14 do corrente maio.

No *Primeiro de Janeiro* que temos á vista tecem-se rasgados louvores aos irmãos Dubini, assignando entre as alumnas pianistas D. Haydée d'Andrade que tocou a *Pathetica* de Beethoven e D. Esther Guimarães a quem coube uma *Sonata* de Haydn e entre os discipulos de violino D. Ophelia de Oliveira, que é uma das mais talentosas discipulas de Dubini e o joven rebequista Antonio Ferreira que é, ao que parece, uma rissonha esperança no horisonte artistico do Porto



MAX BENNO NIEDERBERGER

Vamos ter brevemente a visita d'este notavel violoncellista austriaco, professor do *Instituto Nacional de Musica* do Rio de Ja-



Ml Benno Niederberger

neiro, muito estimado e considerado na capital brasileira.

Na sua passagem para o Rio, para onde se dirige brevemente no vapôr «Prinz Segismund», deter-se-ha algumas horas em Lisboa e offerecerá no salão Lambertini

aos membros da imprensa periodica um delicado e interessante *recital*, cujo programma é o seguinte:

- | | | |
|-------|-------------------------------------|------------|
| I | <i>Morceau de concert</i> | Servais |
| II a) | <i>Nocturne</i> | Chopin |
| b) | <i>Concert-masurka</i> | Schroeder |
| III | <i>Sonata</i> | Rubinstein |

Não vem fora de proposito uma ligeira noticia biographica, com que faremos aos nossos leitores a singela apresentação do artista.

Conta hoje 44 annos o violoncellista Niederberger. Tinha apenas 10, quando começou os seus estudos em Graz, sob a direcção do professor Bauer e como lhe não faltassem nem aptidões nem boa vontade, foi enviado em 1874 para o Conservatorio de Leipzig onde trabalhou distinctamente até 1877 com o grande professor Carlos Schroeder.

N'esse anno contractava-se como solista na Opera de Budapest e, ao cabo da época lyrica, emprehendeu com notavel exito uma *tournee* de concertos pela Allemanha e Austria.

Nomeado professor da Escola de Musica de Graz, onde esteve alguns annos, interrompia no emtanto de quando em quando os trabalhos do magisterio para dar concertos no estrangeiro. Estava em Londres, na época de 1886-87 quando lhe offereceram do Brazil o lugar de solista de violoncello no *Club Beethoven*, do Rio, lugar que accitou e onde se conservou até 1889, em que aquella associação se dissolveu por difficuldades financeiras.

Foi em seguida, por proposta da princeza D. Isabel, nomeado professor do *Imperial Conservatorio do Rio de Janeiro* e solista dos concertos classicos, dando porem ainda alguns concertos em Montevideo e Buenos-Ayres antes de tomar conta d'aquelles honrosos cargos.

Actualmente é professor do *Instituto Nacional de Musica*, que é, como se sabe, o conservatorio musical da capital brasileira, mas interrompe ás vezes os seus trabalhos escolares para realizar diversos giros artisticos no novo e no velho mundo.

Em 1899 tomou parte com Saint-Saëns nos grandes concertos do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Agora tem ao que parece vantajosas escripturas para a Allemanha e Austria.

ULTIMA HORA:— O concerto Niederberger só terá lugar, se o paquete se demorar o tempo sufficiente em Lisboa, e n'esse caso serão feitos avisos nos jornaes diarios.

Carta de Washington

15 de maio.

Até que enfim lhe posso escrever! São 4 e meia da manhã e os pardaes já chilrêam nas arvores d'este grande parque, porque Washington não é outra coisa: todas as ruas têm arvores em 2 renques, e algumas em 4; além d'isto os parques, as praças, a que chamam aqui *circulos* pela sua fôrma, e os jardins em frente das casas, tornam o arvoredo continuo. E' um encanto.

Desde a minha ultima o movimento musical cresceu, exactamente por se approximar o fim da estação, porque n'esta cidade como na Europa central os concertos cessam apenas o calor aperta. E' grande o numero dos concertos porque a falta de tempo accumulou os programmas por tal fôrma, que tenho de ser mais incompleto do que nunca, por me referir a concertos ouvidos ha um mez.

Temos em primeiro logar a Clarence Ed- dy, reputado o melhor organista americano, que se apresentou a 19 de abril na 1.ª igreja Baptista, que tem absolutamente o aspecto e as condições de uma sala de concerto ou de conferencias. E' um magnifico amphitheatro, amplo para 2.000 pessoas.

Este organista orça pelos 45 annos, e deixou-me a impressão de se embaraçar ou de se demorar na mudança dos registros, ao ponto de quebrar o rigor do compasso e a regularidade do rythmo, nos andamentos rapidos. Tocou bem, mas sem espirito, a *Toccata em fá* maior de J. S. Bach e a fantasia op. 101 de Saint-Saens, que é aliás obra de fôlego com elevação de pensamento e com riqueza de fôrma; sentiu e exprimiu bem a nova sonata op. 89 de Guilmant, cantando admiravelmente no Sonho e no Cantabile, revelando rigor e certa grandeza no Tempo de Marcha da entrada e no Grande Cooro da 4.ª parte.

N'esta *Sonata* Guilmant mostrou progresso, pensando mais em Bach e no character do órgão do que na musica moderna, sem deixar contudo de ser d'este tempo; e além d'isso usou do contraponto como mestre, sem o mostrar.

A peça mais inspirada que ouvi n'esta noite, foi a de Edward Elgar, para quem julgo inutil chamar a attenção dos patricios—*Sursum Corda* (Elevação)—uma novidade, que me lembrou Palestrina pela sua grandeza e simplicidade e Beethoven pela profundeza da expressão.

Esta musica foi transcripta para órgão por E. H. Lemare. A *Toccata em fá* maior de William Faulkes pareceu-me um estudo de

contra ponto: foi dedicada ao organista. O *Intermezzo* de Alfred Hollins é absolutamente o contrario: uma delicada melodia de character italiano, *cantabile*, que foi muito applaudida e bisada. O concerto concluiu com a celebre Marcha e Côro do *Tannhauser* tocados com vigor.

Menciono como original ao tenor Tom Greene que figurou n'esta noite: é um rato que fecha os punhos e atira os braços para diante quando sobe na escala musical. Parece que está *soccando* a melodia!

A 22 tivemos aqui Reisenauer, que vinha precedido de New York de grande fama, não só como o primeiro interprete de Liszt, mas tambem como o melhor pianista, que visitou a America depois de Rubinstein. Pareceu-me exagerada a 2.ª parte d'este reclame, mas não: Reisenauer não está o mesmo que ouvi em 1900 em Leipzig e Berlim, adquiriu plasticidade, toca igualmente bem a todos os autores, e seria igual ao nosso Vianna da Motta se tocasse Bach e Beethoven como elle, e se não abusasse do abafador. Tal foi a impressão que elle me deixou desde a *Fantasia em dó* menor de Bach até á *Rhapsodia hungara em sol* maior de Liszt, passando por Scarlatti, Handel, Haydn, Mozart, Beethoven, Schumann e Chopin, um verdadeiro concerto historico.

Apreeiei o cuidado, direi até o amoroso cuidado, com que elle tocou a Scarlatti, Haydn e Mozart, diminuindo com o abafador a sonoridade do piano de cauda para se approximar do gravicembalo e dos pianos do seculo VIII.

A sonata op. 111 de Beethoven, embora incompleta, seria admiravelmente tocada, se lhe não faltasse sonoridade: não comprehendi esta falta no pianista que acabava de ser tão minucioso em tal materia. A peça que elle tocou na perfeição foi o *Carnaval* de Schumann; com uma variedade de expressão e com uma plasticidade de technica, admiraveis.

Em Chopin igualmente bem: offuscou a Paderewski e a Pachmann, que tinham aqui tocado ha pouco tempo

Em resumo Reisenauer está quanto a mim, superior a D'Albert, tanto mais que este ultimo descurou o machinismo a ponto de fazer má figura ha dois mezes, em Berlim. O piano não o ajudou: era um Everett. Reisenauer disse me porèm que gostava d'elle! O publico não gostou.

A celebre soprano Lilian Nordica deu uma recita de caridade a 23, na esplendida sala de baile do Willard, o primeiro hotel d'aqui. O salão, que enche todo o 10.º andar estava repleto, apesar do preço elevado dos bilhetes Nordica é soprano dramatica: tem uma

bella voz, um pouco estridente no registro agudo, mas cheia e pastosa nos outros registros; phraseia com intelligencia, canta com sonoridade e calor, sobretudo no que é theatral. e exprime-se com equal clareza, nas tres linguas, ingleza, franceza e allemã. Cantou igualmente bem o Sonho do *Tristão e Isolda* de Wagner, a *Mia Picerella* do Salvador Rosa de Carlos Gomes, e as 3 joias *Im Kahn* de Grieg, *Es blinkt der Thau* de Rubinstein, e *Waldesgesprach* de Schumann, de caracter tão differente. Graciosa e meiga nas Canções populares escossezas, sobretudo na *My boy, Fammie*, foi extraordinaria de vigor na Invocação do II acto da Walkyrie!

Todás as peças do programma me parecem dignas de enriquecer o reportorio das nossas amadoras. Interessarão por certo á Ex.^{ma} Sr.^a D. Sarah Motta Marques, de quem me lembrei quando ouvia a Nordica.

A 24 tivemos a orchestra do Festival de Boston sob a direcção de Emil Mollenhauer, no New National Theatre. Este bello conjuncto de umas 40 figuras é notavel pela fusão das sonoridades e pela certeza no ataque, soando sempre como se fosse um só instrumento. Mollenhauer é um bom regente, pertence á escola de Nikisch, de quem aliás não foi discipulo.

O concerto foi um tanto original por se dividir em duas partes independentes e desconexas; na primeira parte musica d'orchestra, e na segunda musica dramatica, o 3.^o acto do *Fausto* de Gounod, inteiro, sem scenario, sem *travesti*, simplesmente cantado á bocca da scena! Um desencanto, o *Fausto* assim interpretado, comtudo orchestra e vozes bem. Miss Sexton foi uma encantadora Margarida, miss Mulford cantou alternadamente por Siebel e por Martha. Cowper foi um rasoavel Fausto e Martin um diabolico Mefistopheles, com um vozeirão mas sem timbre e sem estylo.

Na primeira parte ouvi duas peças novas: a abertura *Cockaigne* de Elgar e o poema symphnico *D. Juan* de Ricardo Strauss. E digo-vos francamente que não sei qual será melhor, parecendo-me comtudo, n'esta primeira e unica audição, que a abertura de Elgar é superior pela inspiração e pela unidade da idéa musical, ao poema de Strauss. Elgar é um compositor de primeira ordem, e conhece os recursos da orchestra como poucos: é sempre claro na harmonia, por mais complicada que seja a trama da composição, e não visa a effeitos, mira simplesmente á idéa que o captivou, segue a e desenvolve-a.

O *D. Juan* de Strauss, de quem vos falei na proxima carta, é mais elaborado,

tem aqui e alli relampagos de genio, mas a idéa musical affrouxa, ás vezes some se para apparecer depois, mas no todo mostra o cunho d'um musico de primeiro ordem.

As outras peças foram uma *valsa lenta* ás vezes interessante de Henberger, o prologo dos *Pagliacci* bem cantado por Miles, o concerto em *sol menor* de Saint-Saens regularmente tocado por um joven pianista Silvio Risegari, antes violinista, se me não engano; a aria da *Suite em ré maior* de Bach-Wilhelmj tocada pelos 1.^{os} violinos, n'um andamento pouco conforme com o *Lento* que está marcado; e por fim a abertura do *Tannhäuser* admiravelmente tocada. Em summa bom concerto e boa orchestra, muito superior á d'aqui.

C. MELLO.

CRITICAS LITTERARIAS

I

Mau Caminho — Episodio doloroso, de Eloy do Amaral e Carrasco Guerra, approved em merito absoluto no concurso litterario do jornal *O Dia*.

Ao iniciar hoje na *Arte Musical* esta secção de *Criticas Litterarias*, vou-me referir a um pequeno livro que tenho ha dias sobre a minha mesa de trabalho, e que se intitula *Mau Caminho*, pequena historia dramatisada de uma desgraçada cujo numero infelizmente é tão grande, e que os auctores do livro narram com uma simplicidade encantadora dando-lhe uma feição tão moral que pode ser lido por todos sem receio.

Carrasco Guerra e Eloy do Amaral são dois temperamentos artisticos a quem está reservado na cultura das lettras portuguezas, um esplendido caminho de honra e gloria.

N'este pequeno drama em que se debatem paixões tão diversas, os auctores synthetizam as luctas da alma de um modo notavel.

Eloy do Amaral é um estudioso, profundando os mysterios da natureza.

Carrasco Guerra é um impressionista, um espirito vibratil, prompto sempre a enthusiasmar-se por um ideal. Trabalhando muito, tendo sempre em mira o mesmo Ideal, aureolado pela mesma luz, a sua obra é o perfeito estudo d'uma realidade pungente onde ha gritos de revolta e lagrimas ardentes de paixão. Não pretendo aqui contar todo o enredo do *Mau Caminho*, não dispõe a revista

de espaço para isso, nem mesmo é necessario repetir os louvores que tem tido a imprensa diaria de Lisboa e Porto, quiz apenas em meia duzia de linhas descrever a impressão, que me fez, depois d'uma leitura rapida esta pequena obra que será a base d'um grande *edificio litterario*, que os autores teem em vista e que terá por fim mostrar o vicio com toda a crueza do realismo e regenerar o pela educação moral e pela vontade.

Muito breve virá á luz o romance *Inuteis* que pelos traços geraes que os auctores me contaram deve fazer successo. Os *Inuteis* é uma obra de estudo, em que novas paixões se debatem n'um meio opposto ao do *Mau Caminho* mas feito com tal arte que tenho a plena certeza que Eloy do Amaral e Carrasco Guerra em pouco tempo terão os seus nomes consagrados!

5 — v — 1904.

JOÃO DERSTAL.

NOTICIARIO

DO PAIZ

Acabamos de receber um interessantissimo artigo sobre *As tres maneiras de Verdi*, cuja publicação reservamos para o proximo numero.

É original do nosso illustre collaborador, o sr. Arthur Nogueira, a quem agradecemos penhoradamente a gentileza da offerta.

Prometteu-nos tambem uma noticia sobre o *orgão expressivo* de Mustel, um outro dos nossos talentosos collaboradores, o sr. Ernesto Maia que regressou ha pouco de Paris, onde foi propositadamente para estudar os aperfeiçoamentos actuaes d'esse instrumento, maravilhoso para os pianistas sob o

ponto de vista da orquestração e da expressão.

Ernesto Maia, que é o primeiro artista portuense que se dedicou ao cultivo do orgão Mustel, trabalhou durante a sua permanencia em Paris com Joseph Bizet, madame Stornoy e com o proprio Alphonse Mustel, mostrando-se-nos encantado com o convivio com esses mestres e satisfeitissimo com os variados recursos que offerece este bello instrumento, tão pouco conhecido entre nós.

Fazemos votos para que o notavel musico portuense se resolva a fazer-se ouvir em Lisboa, em um ou mais concertos, especialmente consagrados ao orgão expressivo.

Vianna da Motta parte na data de hoje para Londres onde tem alguns concertos de escriptura. Findos elles voltará para a Allemanha e irá passar o verão em uma estação de aguas aonde o acompanharão alguns dos seus discipulos.

Partiu para New-York. escripturado para uma serie de concertos, o nosso amigo e illustre barytono portuguez D. Francisco de Sousa Coutinho.

O sr. José Pacini assumiu a direcção e empreza do theatro della Pergola, de Florença. Fazem parte da companhia sua irmã a illustre cantora Regina Pacini, o tenor Bonci, o maestro Lombardi, etc.

O tenor portuguez Joaquim Tavares foi convidado pela empreza do Colyseu dos Recreios para dar ali algumas recitas, não tendo porém chegado a um accordo nas clausulas do contracto.

O sympathico artista annunciou na semana passada um concerto em Coimbra.

VIOLETA

VENDE-SE uma de valor, que pertenceu a um dos primeiros artistas portuenses, já fallecido.

Diz-se n'esta redacção.

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 44

ARTE MUSICAL

COMPRA-SE os n.ºs 1, 2, 6, 9, 11, 40, 42, 56, 57 e 59 da presente publicação.

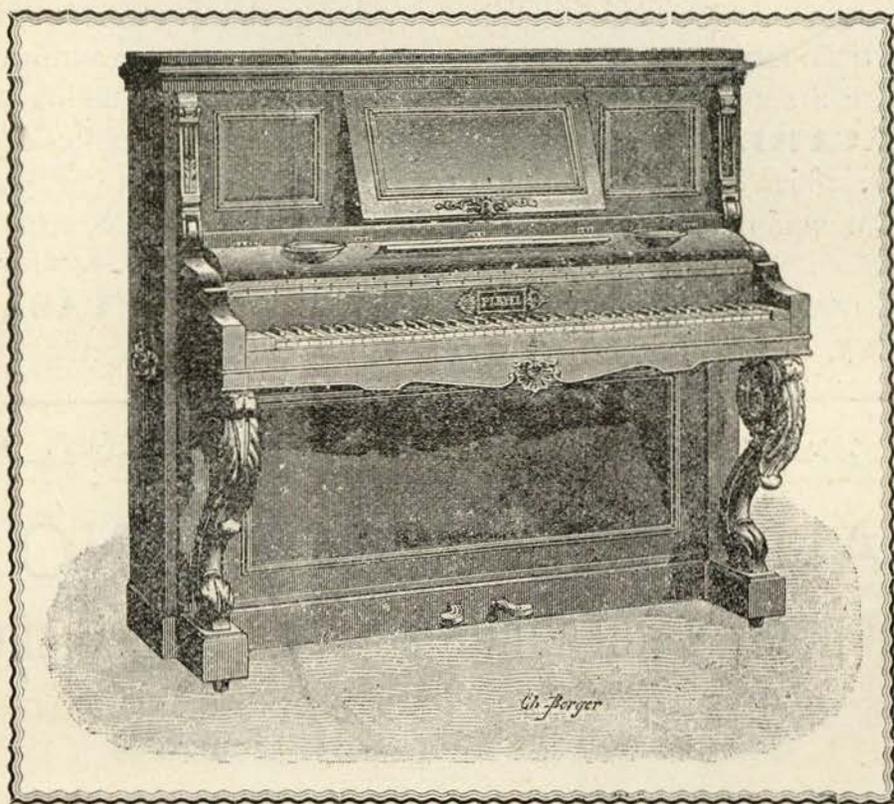
Diz-se n'esta redacção.

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 44

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES
(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra
Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTT GART



A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'houra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

AUGUSTO D'AQUINO

Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers » » Carl Lassen

» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

EDIÇÕES DA CASA
LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49

— LISBOA —

Litteratura musical

Ernesto Vieira: — Diccionario biographico de musicos portuguezes, 2 vol. adornados com 33 retratos, fóra do texto e na sua maior parte absolutamente ineditos, broch.....	4\$000
<i>Encadernado com capas espezias</i>	5\$500
Ernesto Vieira: — Diccionario musical, ornado de numerosas grav., (2.ª edição)	1\$800
Michel'angelo Lambertini: — Chansons et instruments, renseignements pour l'etude du folk-lore portugais (não está no commercio).....	- \$ -
Arte Musical: — Revista quinzenal fundada em 1899 e illustrada com gravuras, cada anno publicado.....	2\$400
<i>Encadernado com capa espezial</i>	3\$000
Annuario Musical, fundado em 1900. Luxuosa publicação ornada de muitas gravuras. Cada anno.....	1\$000

Canto e piano

Pereira: — Natus est Jesus, texto portuguez.....	500
Schira: — Sognai, texto italiano.....	300
» L'ultima lagrima, texto italiano.....	300

Violino e piano

Hussla: — Feuille d'album.....	600
---------------------------------------	-----

Piano só

Battmann: — Aida, petite fantaisie.....	400
Bellando: — Melodia romantica.....	400
» Nostalgia.....	400
Bomtempo: — Chrysantème, menuet.....	500
Braga: — Perle du Chiado, valse ..	400
Brinita: — Romance sans paroles.....	600
» Menuet.....	400
Carpentier: — Aida, transcription facile.....	300
Colaço: — Fado Hylario.....	600
» Fado corrido e Fado do Pintasilgo.....	800
Daddi: — Rimembranza, valsa.....	400
Furtado: — Zininha, valsa.....	500
Hussla: — Quarta Rapsodia portugueza.....	800
Lacerda: — Canção do Berço.....	400
» Lusitanas, valsas.....	600
Mackee: — Caressante, valsa.....	500
» Honey Moon, valsa.....	500
Mantua: — Grata, valsa.....	500
» Pas de quatre (Broinhas de milho).....	500
» P'ra inglez vêr, valsa.....	500
Mascarenhas: — Celeste, polka.....	300
Oesten: — Clochette des Alpes.....	400
Oliveira: — Caldas Club, pas-de-quatre.....	500
Pereira: — Lisboa á noute, valsa.....	500
Pinto: — Confidence, valsa.....	500
Rover: — Arte Nova, valsa.....	500
Sapetti: — Espoir d'amour, valsa.....	500
Colleção de Fados	800

GRANDE SORTIMENTO DE MUSICAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS DE TODAS AS EDIÇÕES

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e órgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andalu7. 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Nazareth Silva , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Travessa do Noronha, 16, 1.º</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julietta Hirsch , <i>Rua Raphael d'Andrade, R. G., 3.º</i>
Leon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano. <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua de S. Bento, 98, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano. <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1 \$ 200
No Brazil (moeda forte).....	1 \$ 800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA